



O que pode um movimento cívico pela cultura?

14 de Dezembro, 18h-20h

Ribeira Grande, Arquipélago

Entrada livre

Este é o último de 10 debates organizados em 10 cidades por ocasião do nosso 10º aniversário. Com este debate pretendemos explorar o *modus operandi* de movimentos cívicos na área da cultura, seu grau de mobilização, potencial de transformação e de pressão política. Estes surgem numa altura em que muitos cidadãos procuram estratégias diferenciadas para participar na tomada de decisão, de forma a garantir maior autonomia aos seus projetos e representatividade nas decisões políticas. Actualmente, os movimentos cívicos são alimentados por um forte sentido de pertença e interajuda. Tomemos, como exemplo de cidadania participativa no campo cultural, o Movimento Cívico: Por uma Capital Europeia da Cultura nos Açores (CEC 2027) que, em 2021, surge como contraponto face às decisões da política institucional local.

Pessoas convidadas:

Jesse James, representante do MOVA – Movimento pela Arte e Cultura nos Açores;

João Mourão, Director do Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas;

Maria Emanuel Albergaria, representante do MOVA – Movimento pela Arte e Cultura nos Açores;

Paula Guerra, professora no Departamento de Sociologia da Universidade do Porto e organizadora do COMbART: Gramáticas e Políticas de Resistência

Moderação: **Pilar Damião de Medeiros**, professora no Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais na Universidade dos Açores

Colaboração: Forum Açoriano Associação Cívica

Resumo

- O sistema político-partidário tradicional, representativo, não representa muitas pessoas. É preciso haver alternativas.
- Desde os anos 90, o associativismo estava moribundo. A crise financeira de 2011-2012 foi uma altura em que várias pessoas fizeram a transição para a idade adulta. Sentindo o impacto dessa crise, surgiram várias sub-culturas e foram criadas várias estruturas “underground”. Várias pessoas criaram também os seus pequenos negócios alternativos.
- A canção dos Deolinda [“Parva que Sou”](#) traduzia um estado de vida: falava da precariedade, dos estudantes que ainda vivem na cada de pais... Ainda o álbum dos Mão Morta [“Horas de matar”](#).
- Formas de organização cívicas com enorme vitalidade, informais, subterrâneas, não reconhecidas.
- Há ainda um enorme potencial nas chamadas zonas semi-periféricas.
- Além disso, estamos muito mais próximo do sul global (p.e. Brasil) do que pensamos.
- Uma guerrilha estética e de combate ([Severinas Mulheres do Sertão](#) e a obra de [Juliana Notari](#)).
- Reagimos com pudor à ideia de que cada um de nós pode ser activista.

- Dino D'Santiago está a liderar um amplo movimento cívico.
- Activam-se fenómenos de resistência, mas também de existência.
- Festival Paredes de Coura: uma iniciativa de um grupo de música que mudou a localidade.
- Como é que nós nos encontramos?
- Como é que as instituições formais podem fazer este caminho para o activismo? Como podem posicionar-se? Como poder ter um papel activo?
- Como é que podem dar ferramentas ao público para ser crítico e activo? Como vamos conseguir o colectivo?
- Porque é que o próprio público não exige mais?
- O MOVA nos Açores foi uma tomada de posição.
- Verificou-se nas iniciativas individuais a censura e também auto-censura.
- O movimento pressionou a autarquia para apresentar uma candidatura à Capital Europeia da Cultura. Foi uma exigência dos agentes culturais.
- O Presidente da Câmara de Évora tinha uma visão (tinha sido antes Presidente da Câmara de Montemor, cidade de acolhimento de importantes iniciativas culturais e artísticas).
- Verificam-se fragilidades no sector e fraca auto-estima. Não estamos ligados entre nós, não nos conhecemos.
- Há sistemas (escola, sociedade) que condicionam a liberdade.
- Falta de cultura do colectivo.
- O movimento conseguiu congrega, aproximar. Articulou os diferentes agentes. Há coisas a mexer no terreno.
- Antes as estruturas competiam entre elas, não se relacionavam. As instituições não são capazes de olhar para o bem comum. Falta de cultura participativa.
- A candidatura à capital exigia uma estratégia para a cultura. Foi um ganho importante, reuniu muita gente.
- Temos pudor em nos chamarmos a nós próprios activistas. Associamos a palavra ou a grandes figuras, que mudaram o mundo, ou a acções violentas, extremistas. Quando agimos por uma causa, cada um a sua maneira, somos activistas. John Berger dizia que uma forma de activismo é saber ouvir, a escuta activa.
- Sentimos também um desprezo pelos políticos e não percebemos que políticos somos todos nós. Temos um papel na negociação de como vamos viver juntos, em sociedade.
- As pessoas não vão exigir nada às instituições culturais, se estas não mostrarem esta abertura: se não se posicionarem, se não assumirem quem são e porque é que fazem o que fazem. A maioria das organizações culturais é irrelevante neste momento para a maioria dos cidadãos. Estas actuam no seu nicho e falam para si próprias. Não existe uma efectiva comunicação, clara e relevante, com a sociedade.
- Vejamos como as instituições culturais (e educativos) reagem às acções dos activistas climáticos. No ano passado, numa entrevista para a TSF, directores de museus diziam não entender o que é que os museus têm a ver com a emergência climática. Usavam palavras para falar das colecções dos seus museus (bem comum, herança de todos, necessário de preservar para gerações futuras) que teriam a mesma aplicação se falássemos do estado do planeta. Mas não viam a ligação, não percebiam... Pede-se aos jovens um protesto "moderado"...
- Há pessoas que não têm oportunidades de se manifestar, porque não têm rede. Também o sector cultural se tornou estratificado. Só tem voz quem conhece pessoas.



- A Câmara de Valongo tem crianças como consultoras. Seria importante conhecer o projecto ([aqui](#) e [aqui](#)).